

## CHILE: UMA VOLTA AO PASSADO? OS PROTESTOS DE 2019-2020 E O BALANÇO HISTÓRICO ENTRE OS GOVERNOS DE PINOCHET E PIÑERA

CHILE: A RETURN TO THE PAST?  
THE 2019-2020 PROTESTS AND THE HISTORICAL BALANCE BETWEEN THE  
PINOCHET AND PIÑERA GOVERNMENTS

Davi Silva de Carvalho<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem a finalidade de apresentar uma abordagem voltada para os protestos no Chile e as suas consequências na sociedade. As mobilizações sociais contra o atual governo de Sebastián Piñera e melhores reivindicações ocorrido no segundo semestre de 2019 até o início de 2020. Inclui também a fala do Presidente em entrevista concedida ao jornal El País e sua confiança na forte economia de mercado. Podendo ser sinal de desconfiança e alarme para a população que almeja melhores condições de vida, principalmente aumento no salário mínimo e o combate as segregações sociais. Destaca-se também uma abordagem calcada no regime neoliberal de Piñera associando-se com o governo Pinochet e suas experiências neoliberais e consequências para a época. Nesse ínterim, o balanço histórico entre passado e presente, bem como interpretações entre os dois governos serão abordados dentro dos limites da teoria.

**ABSTRACT:** The purpose of this article is to present an approach focused on the protests in Chile and their consequences on society. Social mobilizations against the current government of Sebastián Piñera and better demands that occurred in the second half of 2019 until the beginning of 2020. It also includes the President's speech in an interview with the newspaper El País and his confidence in the strong market economy. It can be a sign of distrust and alarm for the population that wants better living conditions, especially an increase in the minimum wage and combating social segregation. Also noteworthy is an approach based on the neoliberal regime of Piñera, associating with the Pinochet government and its neoliberal experiences and consequences for the time. In the meantime, the historical balance between past and present, as well as interpretations between the two governments will be addressed inside the limits of theory.

**Palavras-chave:** Chile; Governo Piñera; Neoliberalismo;

**Keywords:** Chile; Piñera Government; Neoliberalism;

É curioso perceber como a contribuição da globalização e os impasses do neoliberalismo em meio ao governo de direita de Piñera desencadearam sérios distúrbios sociais no País em decorrência das suas ações que não foram favoráveis a sociedade. Ações essas que se configuram como o elevado custo de vida, desigualdade de renda, poucos

---

<sup>1</sup> Licenciado em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Foi Aluno Especial do Programa de Pós- Graduação em História Social das Relações Políticas da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGHIS/UFES), onde cursou as disciplinas: Gênero, poder e violência no 2º semestre de 2019 e Tópicos Especiais II: As teorias da dependência, o neoliberalismo e a crise dos governos progressistas na América Latina no 2º semestre de 2020 – (forma remota devido a pandemia do novo coronavírus). E-mail: [daviufop96@gmail.com](mailto:daviufop96@gmail.com)  
Revista Horizontes Históricos [online] / São Cristóvão (SE), vol. 5, n. 2, ago./2022 – dez./2022. ISSN 2596-0377.  
<https://seer.ufs.br/index.php/HORIZONTES/issue/view/1095>

direitos sociais garantidos, corrupção e abuso de autoridade, além do modelo socioeconômico neoliberal implementado tendo como consequência o aumento do desemprego.

Nesse sentido, o presidente chileno com suas características de governo estabelece seu mandato inserido na lógica da integração econômica impulsionado pela expansão global do capital. Diante dessa lógica, Eduardo Maldonado Filho<sup>2</sup>, em seu texto “Globalização e neoliberalismo: o surgimento do novo ou a volta ao passado?” propõe eixos de reformas econômicas associando com o caso do Chile. Vê-se que:

Segundo os economistas neoliberais, a modernização e o desenvolvimento econômico dos países dependem apenas da capacidade dos governos de reformarem as estruturas econômicas de seus países com vistas a adaptá-los ao mundo globalizado, ou seja, é imprescindível realizar as seguintes reformas econômicas: abrir a economia à concorrência internacional, propiciar ampla liberdade de movimento ao capital, desregular os mercados internos, em especial o mercado de trabalho, e realizar uma ampla privatização das empresas estatais. (FILHO, 1997, p. 23).

Além disso e em razão da capacidade do governo diante das suas medidas, os desencadeamentos dos protestos nas ruas chilenas foram ocasionados pelas ações das políticas neoliberais. Eduardo Filho demonstra os seus resultados, convergindo com o cenário chileno, onde têm-se:

Portanto, pode-se afirmar que os resultados das políticas neoliberais são no chamado capitalismo globalizado de nossos dias, os mesmos do capitalismo do século XIX, a saber: o aumento do desemprego e da pobreza num pólo corresponde ao aumento da riqueza e do excesso de capital no outro pólo; aumento da instabilidade financeira e da especulação; redução dos salários reais e aumento da precariedade do emprego. (FILHO, 1997, p.29).

Diante desse ângulo, infere-se o autoritarismo do governo de Piñera, bem como situações que desagradam os setores populares, ficando cada vez a margem, em razão da prepotência e ganância das medidas neoliberais ao abuso de poder. Assim, percebe-se mesmo em um processo de mudança das pautas políticas, a lógica do poder acaba sendo

---

<sup>2</sup> Eduardo Maldonado Filho é professor no Departamento de Economia da UFRGS, com Mestrado e Doutorado pela Graduate Faculty of Political and Social Science, New School for Social Research, New York, USA. Trabalhos e artigos publicados: *Déficit, dívida pública e empresas estatais; Concorrência e preços administrados: uma crítica à teoria do oligopólio; O plano nacional de estabilização da Nova República: uma avaliação crítica; Evolução e transformações recentes do sistema financeiro, entre outros.*

transformada e deturpada. Pablo Sólón<sup>3</sup>, em seu artigo intitulado, “Algumas reflexões autocríticas e propostas sobre o processo de mudança na Bolívia”, enfatiza o pensamento dialogando com o presente raciocínio. Mesmo sendo um texto voltado para aspectos bolivianos, se aplica na situação do Chile.

Observa-se, que:

Nos primeiros momentos de um processo de mudança, o novo governo geralmente promove — pela via institucional ou insurrecional — a reforma ou a transformação das velhas estruturas de poder do Estado. Essas mudanças, mesmo quando radicais, nunca serão suficientes para evitar que os novos governantes sejam cooptados pela lógica que está presente tanto nas estruturas de poder reacionárias quanto nas estruturas revolucionárias. (SÓLON, 2018, p. 62).

Ainda de acordo com o político boliviano e dialogando com a citação acima, depreende-se:

A lógica do poder é muito similar à lógica do capital. O capital não é senão um processo que existe enquanto gera mais capital; capital que não é investido e não dá lucros é um capital que dá prejuízo ao mercado; o capital, para existir, deve estar em permanente crescimento. Da mesma forma opera a lógica do poder: sem que você perceba, o mais importante para o governo e seus membros passa a ser sua perpetuação no poder e como adquirir mais poder para garantir sua continuidade no poder. (SÓLON, 2018, p.64).

Não se descarta essa perpetuação de poder na situação do Chile, além do que como o pesquisador da UNICAMP, Marcio Pochmann<sup>4</sup> demonstra em “A mundialização das economias e os desafios dos sindicatos”, situações econômicas associando com a crise do governo chileno causando as ondas de protestos. De acordo com o economista:

A mundialização das economias emerge no curso de políticas neoliberais que atuam contra a produção, o emprego e os sindicatos. Predominam as políticas governamentais favoráveis à valorização financeira do capital, com medidas deflacionistas no nível de preços e redução do tamanho do Estado e revisão do seu papel nas sociedades capitalistas. (POCHMANN, 1997, p. 61).

---

<sup>3</sup> Político Boliviano, diretor da Fundação Solón, ex-diretor executivo do Focus on the Global South, grupo de pesquisa ativista, e ex-embaixador do Estado Plurinacional da Bolívia nas Nações Unidas. Lidera o Observatório Boliviano de Mudanças Climáticas e Desenvolvimento.

<sup>4</sup> Marcio Pochmann é professor no Instituto de Economia (IE), Pesquisador e Diretor Executivo do Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho (CESIT) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Em entrevista ao jornal El País intitulada – “Sebastián Piñera: “Não soubemos entender o clamor chileno por uma sociedade mais justa” no dia 10 de novembro de 2019 no gabinete do Palácio de La Moneda, o próprio Presidente ressalta a questão da sua economia. Em suas palavras:

O modelo em que acredito, e vou lutar para aperfeiçoá-lo, é a democracia com liberdade de expressão, com separação de poderes, com Estado de direito, com respeito pelas minorias. Acredito numa economia livre, aberta, de mercado, competitiva. Creio também num forte compromisso do Estado em lutar contra a pobreza e oferecer maior igualdade de oportunidades. (PIÑERA, Jornal EL PAÍS, 2019).

Curioso notar a explicação do político chileno sobre a luta contra as desigualdades sociais e maior distribuição de renda, com o intuito de uma sociedade justa e igualitária. Entretanto na questão da economia se aproxima das características da política neoliberal, criando-se certa contradição entre a sociedade e a economia. Não se nega que dependendo do presidente em governar e administrar seu País, a responsabilidade e o comprometimento são de extrema relevância. Todavia com um governo de economia de mercado, os direitos sociais ficam limitados ou até mesmo perdem suas garantias, além do aumento do trabalho informal, em razão das demissões e fechamento das empresas, ocasionando desemprego em massa.

A forma de governo econômico tem consequências positivas e negativas, mas se tratando do caso de um País do Cone Sul e com um presidente favorável a economia livre e competitiva, a tendência é ter mais desvantagens do que vantagens, ocasionando sérios prejuízos a sociedade, a exemplo dos protestos do ano passado. Ao longo da História principalmente entre as décadas de 30 e 40 do século XX, governos autoritários e totalitários, principalmente de Adolf Hitler na Alemanha houve a adoção de uma economia planificada.

Nessa ocasião se explica devido a condição alemã ao qual o País se encontrava em consequência da Primeira Guerra Mundial, principalmente com elevados gastos com indústria bélica. A situação estava caótica, muita fome, desemprego, dívidas externas, então nessa condição a economia planificada foi ideal para “concertar” o País e se livrar da situação que estava passando, mesmo que futuramente iria ser abalada novamente nos próximos anos, se reconstruindo e reorganizando posteriormente da Guerra fria.

O que se aplica nessa explicação é que não necessariamente a forma de governo ou partido político expressa o seu conteúdo, principalmente nas questões econômicas. Vale destacar, em razão da situação alemã, a qual se encontrava, a economia de mercado não seria tão ideal e eficaz, mesmo correlacionando com o tipo de governo, no caso autoritário, opressor e de extrema direita. Curioso notar nessas experiências temporais e compreendendo suas historicidades que os modelos econômicos adotados sejam planejados ou de mercado variam muito das características dos governos. Ou seja, podem ter compatibilidades e incompatibilidades.

No modelo de Sebastián Piñera pode dar certo ou não, podendo-se ser difícil de saber o que necessariamente está sendo associado com o livre comércio e abertura do capital estrangeiro com o compromisso da igualdade de direitos e oportunidade entre os povos chilenos. Nesse dualismo de sociedade e governo na perspectiva da entrevista com o presidente do Chile, Eduardo Filho em seu texto já citado anteriormente estabelece um ponto chave interessante concatenando-se com a situação, vejamos:

Mas cabe registrar que essa proposta aceita, implicitamente, a hipótese neoliberal de que o capitalismo não possui barreiras internas ao processo de acumulação de capital – existem apenas barreiras externas sobre as quais o Estado pode (e deve) agir para criar as vantagens competitivas para as empresas nacionais na “guerra econômica” que ocorre nos mercados internacionais. Ou seja, o fator essencial para o sucesso econômico de uma nação estaria na capacidade de suas empresas em reduzir os custos de produção e de circulação das mercadorias. A garantia da manutenção do nível de emprego tanto ao nível microeconômico quanto macroeconômico dependeria, fundamentalmente, da capacidade das empresas nacionais de se manterem competitivas nos mercados internacionais. No entanto, os trabalhadores – agora elevados, evidentemente que apenas ao nível do discurso, à condição de parceiros dos capitalistas – também devem dar a sua cota de contribuição para o aumento da competitividade das empresas: eles devem aceitar a redução dos salários diretos e indiretos. Em outras palavras, a “guerra econômica” das nações no mercado internacional requer não só que os trabalhadores de cada País trabalhem mais e ganhem menos, mas também que haja uma redução (ou mesmo eliminação, se possível) do sistema de seguridade social que, ao onerar as empresas, acaba por reduzir a competitividade das mesmas. A prioridade da ação governamental não pode mais ser, como advogava a socialdemocracia tradicional, o da implementação de políticas macroeconômicas de preservação do pleno emprego e de um amplo sistema de seguridade social, mas sim o implementar as reformas que permitam o livre funcionamento das forças de mercado e o de ajudar as empresas a obterem vantagens competitivas. (FILHO, 1997, p.31).

Fica claro na citação, aspectos que são compatíveis com a fala de Piñera na entrevista atrelando-se com as características da economia de seu governo e da maneira como acredita da forma a ser conduzida. Além do mais, o desencadeamento do tipo da economia com os eixos do raciocínio de Eduardo Filho. Observa-se a discussão que está se fazendo presente não somente sobre a afirmação de Sebastián Piñera, mas sim como o líder político e as medidas impostas sobre a população desencadearam revoltas não só na capital, mas em cidades próximas de Santiago.

Dentro desse ângulo, indaga-se o descontentamento do povo, além da “insistência” do referido presidente em crer que a economia de acordo com seus limites de pensamento poderia ser talvez, crucial ou eficaz para o Chile. Aplica-se com isso a ideia da liberdade, porém vale ressaltar a questão das más liberdades demonstradas por David Harvey<sup>5</sup> em seu livro, *O Neoliberalismo – História e Implicações*, cap. 2, onde aborda, tendo como eixo do seu pensamento a contribuição de Polanyi:

A idéia de liberdade "degenera assim em mera defesa do livre empreendimento", que significa "a plenitude da liberdade para aqueles que não precisam de melhoria em sua renda, seu tempo livre e sua segurança, e um mero verniz de liberdade para o povo, que pode tentar em vão usar seus direitos democráticos para proteger-se do poder dos que detêm a propriedade". Mas se, como é sempre o caso, "não é possível uma sociedade sem poder e compulsão, nem um mundo em que a força não tenha função", a única maneira de manter essa visão utópica liberal está na força; na violência e no autoritarismo. Para Polanyi, o utopismo liberal ou neoliberal está fadado à frustração pelo autoritarismo ou mesmo pelo fascismo declarado. Perdem-se as boas liberdades e as más liberdades assumem o controle.  
(HARVEY, 2008, p.24)

É importante tematizar a ênfase da “perda” de controle do poder, mas precisamente as más liberdades assumindo o controle, atrelando-se na lógica do governo de Piñera, bem como dialogando com Pablo Sólon na temática da transformação do poder quando o líder político acaba sendo transformado pelo jogo de interesses. Assim, depreende-se sua autoridade não só na repressão policial em assumir o controle das forças armadas nas ruas, mas também, o caos social, político e econômico em decorrência das suas medidas que não foram aprovadas pela população. Mesmo que o líder chileno queira realizar uma política de bom governo com suas igualdades entre os povos e o atendimento aos setores mais

---

<sup>5</sup> Teórico britânico formado pela Universidade de Cambridge com importantes estudos em Geografia, História e Análises Econômicas.

vulneráveis, sua percepção econômica pode ser um indicativo ou um alarme para os setores mais progressistas de cunho social que são contra a sua política.

Além das suas medidas severas em razão das grandes ondas de protestos no Chile, as reivindicações foram muitas pelos manifestantes. Ressalta-se que os grupos apoiadores de uma nova constituição política, bem como uma revisão da atual conjuntura solicitando o reconhecimento da população, principalmente indígena estava em pauta dos objetivos das manifestações que foram crescendo e fortalecendo ainda mais. Embora, é importante frisar que muitos estavam envolvidos nas manifestações não atuaram de forma pacífica com reconhecimento da legitimidade e das solicitações frente ao governo de Sebastián Piñera.

Nessa perspectiva, o princípio de autonomia da população chilena estava em “equidade” com o governo no tocante aspecto das suas idas para as ruas, a fim de protestarem contra o que estava acontecendo no governo, mais precisamente causando desconforto para todos. Assim, vale demonstrar que muitos manifestantes acabam contrariando as suas pautas das reivindicações sociais, políticas e econômicas, deixando-se levar pelo vandalismo, causando escândalos em seus protestos. Em seu texto, “O que são os movimentos antissistêmicos?”, Carlos Antonio Aguirre Rojas<sup>6</sup> apresenta segundo sua linha de pensamento, ideias próximas da presente discussão. Observa-se:

A questão se torna ainda mais complexa quando olhamos para todas essas facetas da rebelião social de maneira dinâmica, introduzindo a grande pergunta sobre quais são as razões e as dialéticas concretas que levam, desde o gesto rebelde individual, de um pequeno grupo que se afirma inicialmente somente como uma forma de resistência passiva, ou como um modo encoberto e subterrâneo de insubordinação – que vai se transformando em uma forma mais aberta de descontentamento – ao pequeno tumulto coletivo, que então começa a crescer, convertendo-se primeiro em um movimento mais vasto que se multiplica e diversifica suas formas de luta e de manifestação para ser capaz de gerar, mais adiante, uma rebelião de alcances mais amplos, que luta, retrocede, avança e retoma seu impulso para alcançar uma escala regional e, às vezes, nacional. (ROJAS, 2013, p.5).

Dentro dessa configuração, é digno destacar a própria questão da transformação do poder em meio ao cenário conturbado, o qual se encontrava o País Chileno, mais precisamente, privilegiando de um lado os manifestantes, contrários as severas restrições imposto pelo Estado de emergência, além dos obstáculos causados pelas medidas do

---

<sup>6</sup> Cientista Social Mexicano com Doutorado em Economia pela Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM).

Presidente e o uso da força policial. Desse modo é patente enfatizar a luta diante de um País digno, mas que mesmo frente as manifestações, muitos acabam deixando se levar pelo poder e ganância. E as transformações são efetivadas de maneira errônea ou até mesmo não se concretizam, em si.

Com isso, é curioso observar a própria experiência de tempo e o seu aprendizado ao longo da História, pois o Chile já vivenciou processos semelhantes ao que está ocorrendo no tempo presente. A consciência histórica está latente nesse processo, observando o governo Pinochet, suas características e forma de governar, o que para muitos desagradaram e atualmente poderia ser uma forma de passado inserido no presente de maneira velada ou explícita. De acordo com Eduardo Filho e suas observações sobre o Chile de Pinochet, o autor acadêmico demonstra:

O Chile de Pinochet, a partir de 1975, se transformou num laboratório de experimentação das políticas neoliberais. Os resultados obtidos têm sido apregoados como um grande sucesso. Por isso, as agências internacionais e o governo americano têm “incentivado” os países do Terceiro Mundo a seguirem o exemplo chileno. No início de 1990, quando o primeiro presidente eleito assumiu o governo após 17 anos de ditadura militar, os indicadores macroeconômicos eram, quando comparados com os demais países subdesenvolvidos – e desconsiderarmos o desempenho econômico da década de 1980 – bastante positivos. No entanto, uma análise mais cuidadosa mostra que o experimento neoliberal fracassou no Chile. De fato, durante a profunda recessão de 1982-1984, em grande parte consequência do neoliberalismo, o governo Pinochet foi forçado a estatizar (novamente) o sistema bancário e a quebra de muitas empresas industriais forçou o governo a implementar um programa de ajuda a essas empresas. Uma análise imparcial dos resultados obtidos durante o experimento neoliberal chileno mostra as seguintes conclusões:

- a) O celebrado crescimento econômico do final dos anos 80 deve ser examinado levando-se em conta as duas recessões catastróficas de 1975 e 1982. Apenas em 1989 (portanto, 14 anos depois da adoção das políticas neoliberais) é que o PIB per capita voltou a atingir o nível de 1970.
- b) O grau de pobreza aumentou significativamente: passando de 20% em 1970 para 41% em 1990.
- c) Ocorreu um aumento significativo da concentração da renda, principalmente à custa da classe média: os 10% mais ricos aumentaram sua participação no total da renda nacional de 37% para 47% durante esse período.
- d) A dívida externa passou de US\$ 5 bilhões para US\$ 21 bilhões, constituindo-se num dos maiores endividamentos per capita do mundo.
- e) O resultado da total flexibilidade do mercado de trabalho foi o seguinte: as condições de trabalho que atualmente prevalecem no Chile relembram aquelas que vigiam no capitalismo do século XIX da Inglaterra. (FILHO, 1997, p. 29).

Essas apresentações realizadas sobre o regime chileno de Pinochet, depreende-se uma associação entre o passado e o tempo presente no tocante aos líderes políticos e seus resultados políticos diante das suas administrações governamentais. Percebe-se que durante todo o processo das mobilizações sociais, muitos participantes fizeram uso do nome de Pinochet complementando com a ditadura do Chile e suas repressões. Vê-se uma certa “divisão de grupos” nos protestos, onde fica demonstrado quem estava realizando um balanço histórico, no sentido de comparar os dois governos, permitindo a livre interpretação de que o País estava passando por um momento autoritário e opressor, minimizando a participação pública e a liberdade de expressão e opiniões.

Por outro lado, têm-se os que estavam descontentes com o próprio governo de Piñera, talvez não associando de maneira direta com a ditadura chilena, seja por que não presenciaram o período ditatorial, mas como estavam incomodados com a atual estrutura. Partindo do início do aumento das tarifas dos metrô, além das privatizações, permitindo a economia competitiva, deixando o mercado autorregulável.

Com essas características, gerando insatisfação da população buscando seu lugar de fala e reivindicando um governo melhor ou a mudança do mesmo. A implementação do Estado de emergência reforçou o aumento dos protestos. Nesse aspecto a analista política e professora da Universidade de Santiago, Lucía Dammert em sua contribuição na matéria do jornal El País, “Explosão social no Chile reflete mal-estar com desigualdade e lembra atos do Brasil de 2013” propõe:

Os protestos que eclodiram no Chile são “um fenômeno que foi incubado por muito tempo”. “Para começar, é protagonizado por uma nova geração de chilenos, de menos de 30 anos, que não conheceram a ditadura, abertos a expressar suas angústias e que, sem esperança, sentem que não têm nada a perder, razão pela qual suas reivindicações podem facilmente chegar à violência”. Dammert destaca, por sua vez, “a relação carnal” entre a elite política e a econômica, que as impede de ver o que está acontecendo nos setores intermediários. “Existe uma conexão maior para cima do que para baixo”, diz a especialista em segurança, referindo-se a todos os mandatos mais recentes (do mandato de Michelle Bachelet, em 2006, em diante). “A este cenário se junta uma polícia que agiu com falta de profissionalismo e a indolência das atuais autoridades. (DAMMERT, Jornal EL PAÍS, 2019).

Com isso, fica perceptível como muitos dos membros das mobilizações ocasionaram rebeldias, reproduzindo suas reivindicações por meio da política do ódio, frente

a polícia armada também indo na contramão dos manifestantes que estavam utilizando os protestos para realizarem badernas nas ruas chilenas. Entretanto, não é uma crítica ao movimento dos mais exaltados em busca dos seus direitos e garantias já mencionados no início do trabalho. Todavia como ressalta Rojas, demonstrando como o descontentamento de muitos ocasionam propagações de pequenos tumultos coletivos e se diversificando, a fim de chegar em uma rebelião de maiores alcances.

Nesse ínterim, destaca-se as grandes destruições, principalmente das estações de metrô, bombardeamentos nas ruas e ataques confrontando o uso da força com a segurança pública, em razão dos danos ao patrimônio público. O pensamento de Dammert ajuda a perceber como ela mesma aborda “incubado”, ou seja, a qualquer hora poderia vir à tona protestos contra o atual governo. Talvez era algo que estava presente, mas não ativo, partindo do raciocínio de aguardarem os estabelecimentos das medidas mais rigorosas e foi o que ocorreu. Destaca-se também como o peso chileno, moeda local, teve uma variação grande, prejudicando a economia do referido País, em questão.

Foram múltiplos processos que desencadearam o ocorrido, as aflições eram grandes, além das prospectivas como propõe Dammert, a respeito do fenômeno dos protestos estarem incubados por um bom tempo. As próprias críticas a respeito, observa-se também de acordo com Raúl Zibechi e Decio Machado, no livro, “Os Limites do Progressismo – Sobre a impossibilidade de mudar o mundo de cima para baixo”, cap.3, onde na perspectiva dos autores e dialogando com as insatisfações do governo neoliberal de Piñera, têm-se:

Este modelo de Estado, para além do seu tamanho, cumpre um papel fundamental expropriatório para transferir riqueza social desde a sociedade em geral até o capital (privatizações, acesso a recursos naturais, política fiscal regressiva, geração de dívida pública, concessão e isenções fiscais; estabelece uma estrutura de relações entre capital e trabalho que beneficia o primeiro; e desde a superestrutura articula as pautas que viabilizam política e ideologicamente sua reprodução.  
(MACHADO; ZIBECCHI, 2017, p.74).

Todas essas abordagens giram em torno não somente dos protestos ocorridos, mas também do pensamento de Sebastián Piñera e sua forma de aplicação das políticas neoliberais, ocasionando descontentamento. Ainda nessa perspectiva, observa-se também a ausência de diálogo entre o povo e o governo, negligenciando a democracia, pois onde houveram restrições que deixaram a população descontente, acabou-se ocasionando o caos e a barbárie no Chile. Talvez se não fosse a pandemia, causada em decorrência do

coronavírus (COVID 19), os protestos poderiam continuar de uma maneira semelhante ou ainda pior, se desmembrando e exultando, causando sérios problemas para a sociedade civil.

Não se descarta que muitos manifestantes foram presos em razão de estarem possivelmente se aproveitando da situação social e política para fazerem badernas e destruições, não se concentrando nas propostas e finalidades das mobilizações. Pelo simples fato de estarem exaltados, ocasionaram maiores rebeliões fruto do impulsionamento misturado com as insatisfações, assim a polícia teve que se fazer presente reprimindo os mais rebeldes. Obviamente, pelo fato de estarem realizando e tentando que não avançasse como avançou em uma escala mais violenta, não deixaram de exercerem seu profissionalismo diante das pessoas que ali estavam ocupando o espaço e possivelmente atrapalhando os demais.

Curioso indagar-se sobre essa questão e o controle do governo em relação a possível possibilidade, caso não estaríamos vivenciando esses tempos difíceis e confusos em virtude do coronavírus. Agora pode ser a forma de repensar e raciocinar melhor não somente os que almejavam seus objetivos com o protesto, em si, bem como o próprio Presidente da República com suas lideranças políticas. São momentos conturbados não só pelo fato do que o País vivenciou e está vivenciando, mas também todo o processo e sua articulação na tentativa de realizarem melhores revisões e buscando soluções emergenciais, em questão.

Diante dessa ótica, torna-se necessário instruir e dialogar com o governo de forma mais ordenada, mesmo que as tentativas são muitas e as respostas são poucas, não se pode desistir dos objetivos das lutas. Entretanto não cabe utilizar da mesma para realizarem muitos barulhos e poucos resultados efetivos. Assim é necessário, o consenso e maiores participações sociais com o intuito de promoverem convergências entre o povo e o governo, por mais difícil que seja é fundamental realizarem a articulação. Tentativas na esperança que dias melhores há por vir e a tranquilidade possa voltar a viver no Chile, independente do cenário de coronavírus, mas que as esferas sociais, políticas e econômicas conciliem com a finalidade de melhoria das condições de vida da população chilena.

## **REFERÊNCIAS**

FILHO, Eduardo. Globalização e neoliberalismo: o surgimento do novo ou a volta ao passado?. In: CARRION, Raul K. M.; VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. (Org.).

**Globalização, neoliberalismo, privatizações: quem decide este jogo?** Porto Alegre, Ed. Universidade, UFRGS, 1997.

GONZÁLEZ, Enric; MONTES, Rocío. **Sebastián Piñera: “Não soubemos entender o clamor chileno por uma sociedade mais justa”**. Santiago, nov. 2019. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/09/internacional/1573313845\\_751195.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/09/internacional/1573313845_751195.html). Acesso em: 15 dez. 2020.

HARVEY, David. **O Neoliberalismo: história e implicações**. Tradução Adail Sobral; Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

MONTES, Rocío. **Explosão social no Chile reflete mal-estar com desigualdade e lembra atos do Brasil de 2013**. Santiago, out. 2019. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/20/internacional/1571531965\\_776078.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/20/internacional/1571531965_776078.html) Acesso em: 15 dez. 2020.

POCHMANN, Marcio. A mundialização das economias e os desafios dos sindicatos. In: CARRION, Raul K. M.; VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. (Org.). **Globalização, neoliberalismo, privatizações: quem decide este jogo?** Porto Alegre, Ed. Universidade, UFRGS, 1997.

ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. **O que são os movimentos antissistêmicos?** História em reflexão, Dourados, v.7, n.13, jan./jun. 2013.

SOLÓN, Pablo. Algumas reflexões, autocríticas e propostas sobre o processo de mudança na Bolívia. In: LEITE, José Correa; UEMURA, Janaína; SIQUEIRA, Filomena (Org.). **O eclipse do progressismo: a esquerda latino-americana em debate**. Tradução Sandro Ruggeri Dulcet. São Paulo: Elefante, 2018.

ZIBECHI, Raúl; MACHADO, Decio. Novas elites sob o progressismo. In: ZIBECHI, Raúl; MACHADO, Decio. **Os limites do progressismo: sobre a impossibilidade de mudar o mundo de cima para baixo**. Tradução Carlos Alvarenga. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2017. p.67-104.